



Estudo Teórico

Análise narrativa e investigação qualitativa em Psicologia: porquê e como fazer

Narrative analysis and qualitative research in Psychology: why and how to do it

Análisis narrativo e investigación cualitativa en Psicología: por qué y cómo hacerlo

Rita Conde¹ 
 Teresa Souto² 

¹Autora para correspondência. Universidade Lusófona (Porto). Distrito do Porto, Portugal. rita.conde@ulusofona.pt

²Universidade Lusófona (Porto). Distrito do Porto, Portugal. p2683@ulusofona.pt

RESUMO | OBJETIVO: As metodologias qualitativas têm assumido maior relevância na investigação em Psicologia, identificando-se uma grande diversidade de métodos de análise. No entanto, na sua maioria, os estudos recorrem a métodos que têm as suas raízes noutras áreas. A análise narrativa, sendo um método de investigação qualitativa que emergiu e mais diretamente se relaciona com a área da Psicologia, tende a ser menos utilizada. Verifica-se uma grande variabilidade na forma como é conceptualizada e nos procedimentos adotados. **OBJETIVO:** Procura-se clarificar o *background* teórico subjacente à análise narrativa na investigação em Psicologia e apresentar uma proposta fundamentada de como fazer análise narrativa. **MÉTODO:** O trabalho decorre da revisão e análise crítica da investigação e bibliográfica. **RESULTADOS:** A análise narrativa assenta nos princípios da Psicologia narrativa, implicando que a análise narrativa na investigação em Psicologia se situa no paradigma construcionista social. Descreve-se detalhadamente as etapas e os procedimentos a adotar para se efetuar a análise narrativa na investigação em Psicologia, bem como as estratégias de validação. **CONCLUSÃO:** Há que começar a privilegiar a análise narrativa como método de investigação qualitativa em Psicologia, sendo necessário que os investigadores adotem procedimentos comuns assentes nos princípios da Psicologia narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa Qualitativa. Análise narrativa. Psicologia.

ABSTRACT | OBJECTIVE: Qualitative methodologies have assumed greater relevance in the research in Psychology, identifying a great diversity of analysis methods. However, most studies use methods that have their roots in other areas. Narrative analysis, as a qualitative research method that emerged and is directly related to the area of Psychology, tends to be less used. There is great variability in the way it is conceptualized and, in the procedures, adopted. **OBJECTIVE:** To clarify the theoretical background underlying narrative analysis in Psychology research and to present a reasoned proposal on how to carry out a narrative analysis. **METHOD:** The work stems from the review and critical analysis of research and literature. **RESULTS:** Narrative analysis is based on the principles of narrative Psychology, implying that narrative analysis in psychological research is rooted in the social constructionist paradigm. The steps and procedures to be adopted to carry out narrative analysis in research in Psychology are described in detail, as well as the validation strategies. **CONCLUSION:** The need to start privileging narrative analysis as a method of qualitative research in Psychology is growing, requiring researchers to adopt common procedures based on the principles of narrative Psychology.

KEYWORDS: Qualitative Research. Narrative Analysis. Psychology.

RESUMEN | OBJETIVO: Las metodologías cualitativas han tomado mayor relevancia en la investigación en Psicología, identificándose una gran diversidad de métodos de análisis. Sin embargo, la mayoría de los estudios utilizan métodos que tienen sus raíces en otras áreas. El análisis narrativo, al ser un método de investigación cualitativo que surgió y se relaciona más directamente con el área de la Psicología, tiende a ser menos utilizado. Existe una gran variabilidad en la forma en que se conceptualiza y en los procedimientos adoptados. **OBJETIVO:** Busca esclarecer los antecedentes teóricos que subyacen al análisis narrativo en la investigación en Psicología y presentar una propuesta razonada sobre cómo llevar a cabo el análisis narrativo. **MÉTODO:** El trabajo surge de la revisión y análisis crítico de investigaciones y literatura. **RESULTADOS:** El análisis narrativo se basa en los principios de la Psicología narrativa, lo que implica que el análisis narrativo en la investigación psicológica se sitúa en el paradigma construccionista social. Se describen en detalle los pasos y procedimientos a adoptar para realizar el análisis narrativo en la investigación en Psicología, así como las estrategias de validación. **CONCLUSIÓN:** Es necesario comenzar a privilegiar el análisis narrativo como método de investigación cualitativa en Psicología, exigiendo a los investigadores adoptar procedimientos comunes basados en los principios de la Psicología narrativa.

PALABRAS CLAVE: Investigación Cualitativa. Análisis Narrativo. Psicología.

Introdução

As metodologias qualitativas têm assumido uma crescente relevância na investigação em Psicologia, principalmente a partir dos anos 90 e, de forma ainda mais evidente, desde 2000 (Howitt, 2019). É de destacar que em 2006 a *British Psychological Society* criou a secção de métodos qualitativos (*Qualitative Methods in Psychology Section*), tendo já mais de mil membros. A *American Psychology Association* (APA), apesar de não ter concretizado a criação de uma divisão exclusiva para as metodologias qualitativas, inclui na sua quinta divisão – *Quantitative and Qualitative Methods* – os métodos qualitativos, que constituem uma subsecção independente – *Society for Qualitative Inquiry in Psychology* (APA, 2021).

Adicionalmente, não só têm sido criadas revistas destinadas exclusivamente à investigação qualitativa em Psicologia (e.g., *Qualitative Methods in Psychology Bulletin*, *Qualitative Psychology*) como começa a ser mais frequente a aceitação de artigos qualitativos em outras revistas desta área. Cada vez mais os investigadores, em diferentes áreas da Psicologia, têm advogado a importância da investigação qualitativa (Camic, 2021; Willig, 2019).

Assim, à medida que a investigação qualitativa foi assumindo um maior destaque, verificou-se também uma diversidade de métodos de análise utilizados, tais como: a análise de conteúdo (e.g., Christensen, 2018; Pan et al., 2018;), a *grounded theory* (e.g., Wójcik & Rzeńca, 2021; Bjereld, 2018), a análise fenomenológica interpretativa (e.g., Ljungvall et al., 2020; Smith & Osborn, 2007), entre outras. No entanto, comparativamente a estes métodos, a análise narrativa tem sido menos utilizada, identificando-se um menor número de estudos que a ela recorre.

Esta constatação está suportada numa pesquisa efetuada na base de dados *APA PsychoInfo*, por se tratar do maior *index* da ciência psicológica, abarcando, assim, o maior número de publicações de todo o espectro das ciências psicológicas, comportamentais e sociais. A pesquisa foi realizada durante o mês de Dezembro de 2021, por dois investigadores de forma independente, obtendo ambos os mesmos resultados.

Foram usados os seguintes termos de pesquisa, de forma independente: *phenomenological analyses OR phenomenological research*; *content analysis OR thematic analysis*; *grounded theory OR grounded analysis*; e *narrative research OR narrative inquiry OR narrative analysis*. A pesquisa foi efetuada pelo título das publicações, identificando-se mais de 8000 publicações com o termo *phenomenological*, 3400 artigos com o termo *content analysis OR thematic analysis*, 3200 com o termo *grounded theory* e cerca de 1900 para os termos *narrative research OR narrative inquiry OR narrative analysis*. Numa segunda fase, aplicou-se o filtro “estudos empíricos”, obtendo-se os seguintes resultados: 5232 publicações com o termo *Phenomenological*, 2894 artigos com o termo *content analysis OR thematic analysis*, 2850 com o termo *grounded theory* e cerca de 800 para os termos *narrative research OR narrative inquiry OR narrative analysis*. Assim, verifica-se que o decréscimo foi mais relevante no âmbito da análise narrativa, o que pode indicar que a análise narrativa surge num número mais alargado de publicações de natureza teórica comparativamente a publicações de investigação empírica.

Seguidamente procedeu-se a uma análise da literatura - livros e artigos - focada na descrição de metodologias da análise narrativa na investigação qualitativa em Psicologia - no sentido de compreender quais os pressupostos centrais e procedimentos mais descritos e recomendados.

Desta análise da literatura, verifica-se que a maioria dos métodos qualitativos tem as suas raízes noutras áreas, nomeadamente: a análise de conteúdo nas ciências da comunicação e nas ciências políticas (Prasad, 2019), a *grounded theory* que decorre do trabalho dos sociólogos Glasser e Strauss nos anos 60 (Howitt, 2019; Kenny & Fourie, 2014), a análise temática associada ao trabalho “themata” do filósofo Gerard Houlton (Braun et al., 2018) e a fenomenologia do filósofo Edmund Husserl (Howitt, 2019).

A análise fenomenológica interpretativa (AFI) e a análise narrativa constituem a exceção, sendo os métodos de investigação qualitativa que surgiram (e que mais diretamente se relacionam) da Psicologia. A AFI decorre do trabalho de Jonathan Smith sobre a dor, com a proposta de uma abordagem experiencial e interpretativa na investigação em Psicologia (Smith & Osborn, 2007). Por seu turno, a análise narrativa, apesar do uso do termo “narrativa” em outras áreas, associa-se à emergência da Psicologia narrativa, nos anos 70 e 80, destacando-se os contributos de Bruner, Sarbin e Gergen (Howitt, 2019).

Assim sendo, será legítimo colocar a questão: se a análise narrativa é um dos poucos métodos de análise com as suas raízes na Psicologia, por que razão não se assume como um dos métodos a privilegiar na investigação qualitativa em Psicologia? Na verdade, constata-se que, apesar do número de estudos qualitativos com análise narrativa ser menor, há, por um lado, uma grande variabilidade no modo como a análise narrativa é conceptualizada (Squire et al., 2014) e, por outro, identificam-se diferentes formas de proceder à análise narrativa (Howitt, 2019).

Assim, a resposta a esta questão remete-nos para o objetivo central do presente trabalho. Considerando a variabilidade e a falta de consenso quanto ao que é análise narrativa e, conseqüentemente, quanto aos procedimentos relativos a “como a realizar”, procura-se clarificar os aspetos centrais que devem ser considerados na análise narrativa e apresentar um proposta de procedimentos e passos básicos a adotar na análise narrativa.

É de referir que clarificar a conceptualização de análise narrativa e descrever o uso dos seus princípios centrais como orientadores da análise não é suficiente para responder à questão: “como se faz análise narrativa?”. Aliás, esta é uma das dificuldades com que nos deparamos no processo de ensino-aprendizagem desta metodologia de análise qualitativa, notória nos estudantes ou nos investigadores que estão a iniciar. No sentido de a minimizar, para além da abordagem teórica subjacente, pretende-se explicar os passos a empreender e exemplificar a sua aplicação na investigação.

Background teórico da análise narrativa

Para quem pretende enveredar pela análise narrativa na investigação em Psicologia é essencial conhecer o *background* teórico subjacente: (i) a Psicologia narrativa e (ii) o paradigma construcionista social (Crossley, 2007; Howitt, 2019; Smith, 2021).

Antes de mais, há que clarificar que a análise narrativa assenta nos princípios da Psicologia narrativa (Howitt, 2019). Em oposição à metáfora mecanicista do comportamentalismo, a Psicologia narrativa postula a narrativa como sendo a metáfora central na Psicologia e na compreensão do ser humano - o ser humano percebe o mundo, age e faz escolhas de acordo com as suas estruturas narrativas (Sarbin, 1986). O indivíduo expressa as suas interpretações do mundo, do quotidiano e sobre si próprio sob a forma de histórias (Bruner, 1990).

Esta mudança da metáfora mecanicista para a metáfora de narrativa acarreta uma transformação copernicana na Psicologia, com implicações consideráveis na forma como se conceptualiza e estuda a personalidade ou identidade. O foco deixou de ser colocado nos traços de personalidade para ser colocado nas histórias pessoais, passando da abordagem nomotética para a ideográfica, o que requer a compreensão da pessoa ao longo do tempo (Howitt, 2019). A narrativa passa a ser a metáfora para a personalidade, sendo a identidade construída no decurso das narrativas pessoais (Crossley, 2007).

Mas como? As nossas histórias ou narrativas referem-se à nossa experiência no mundo, ao modo como nos vemos a nós próprios e como vemos a nossa relação com o mundo e com os outros (Howitt, 2019). Usamos as histórias para dar sentido ao mundo e às experiências, o que nos permite impor coerência e

organização à multiplicidade de fenômenos e acontecimentos que experienciamos (Weick et al., 2005). Logo, a narrativa é uma história que liga os acontecimentos e as experiências vividas ao longo da vida, de forma cronológica, envolvendo uma interpretação que o próprio sujeito e os outros efetuam durante a interação social (Murray, 2003; Ntinda, 2019). A ideia central é a de que nos tornamos nas histórias que construímos sobre nós próprios - o *storied self* (Murray, 2003).

Por fim, há que salientar que, como indicam Gergen & Gergen (1983, 1986), este processo não acontece no vazio, mas no contexto da interação social, pelo que a identidade é socialmente construída através das narrativa. Esta noção de “socialmente construída” remete para a perspetiva construcionista social da narrativa (e, logo, da identidade), implicando que a análise narrativa na investigação em Psicologia assente no paradigma construcionista social (Esin et al., 2013).

Diferentes utilizações da terminologia “análise narrativa”

O termo análise narrativa tem sido usada para referir vários e diferentes tipos de análise (Howitt, 2019; Smith, 2021), o que gera alguma confusão para principiantes e, desde logo, pode dissuadir a escolha por este método de análise. Primeiramente, destaca-se a referência a diferentes níveis de análise (cf., Murray, 2000; Stephens & Breheny, 2013). Na sequência da proposta de Murray (2000) - na área da Psicologia da saúde, mas aplicável às várias áreas da Psicologia - identificam-se 4 níveis de análise: pessoal, interpessoal, posicional e ideológico.

O nível pessoal diz respeito à análise dos relatos utilizados pelos próprios para dar sentido às suas experiências, à sua vida e à sua identidade. Trata-se de narrativas que incluem o *self*, a dimensão identitária do sujeito (Murray, 2000; Stephens & Breheny, 2013).

O nível interpessoal integra a componente dialógica da interação entrevistador-entrevistado, entendendo a narrativa como uma construção conjunta (Murray, 2000, 2003; Stephens & Breheny, 2013). Neste nível procura-se explorar a “influência” do contexto social mais próximo na construção da narrativa, ou seja, o que é que a narrativa veicula sobre os discursos sociais do sujeito, nesta interação com o entrevistador,

que representações sociais estão presentes e orientam o relato (Stephens & Breheny, 2013).

O nível posicional refere-se à compreensão do contexto social mais alargado, mais especificamente, qual a função social e moral da narrativa do sujeito (Murray, 2000; Stephens & Breheny, 2013). Neste nível, há que considerar o posicionamento do sujeito e as relações de poder que constroem a sua narrativa (e.g. como o género molda as suas relações, que posicionamento o sujeito assume na narrativa) (Esin et al., 2013; Stephens & Breheny, 2013).

O nível ideológico foca-se nos sistemas sociais mais alargados onde a narrativa se insere, relacionados com as crenças, valores e representações compartilhadas social e culturalmente (Murray, 2000). Tal significa que as pessoas constroem as suas histórias pessoais recorrendo a narrativas que estão culturalmente disponíveis e são compartilhadas (Stephens & Breheny, 2013). Por exemplo, alguém que relata a história de amor pessoal acaba por veicular os discursos culturais sobre o amor e determinadas representações sociais sobre o fenómeno.

Neste contexto, os investigadores acabam por usar de forma distinta a concepção de análise narrativa em função do seu maior ou menor foco em algum destes níveis (Howitt, 2019). Assim, podemos encontrar estudos que procuram identificar narrativas sobre um determinado fenómeno ou experiência acabando por não abordar a construção do *self*, a dimensão identitária dos participantes (e.g., Kangas, 2001).

No entanto, analisando os diferentes níveis anteriormente referidos, torna-se difícil proceder a uma separação, na medida em que estes se encontram interligados. Neste sentido, alguns autores têm defendido uma abordagem integradora, em detrimento do foco em algum dos níveis (e.g. Bell, 1999; Stephens & Breheny, 2013). Como já foi referido, as narrativas pessoais veiculam narrativas sociais e, mesmo que o foco sejam as narrativas sociais partilhadas ou o nível ideológico, os relatos acabam por veicular também o nível pessoal – o sujeito procura dar sentido à sua experiência ou à sua visão do fenómeno, a pessoa está a falar de si, da sua identidade (Davies & Harré, 1990; Watson, 2012).

Assim, do nosso ponto de vista e considerando o princípio basilar da Psicologia narrativa – a narrativa

é a metáfora para a personalidade e a identidade é construída nas narrativas pessoais – a análise narrativa na investigação qualitativa em Psicologia tem de atender à construção do self, à dimensão identitária do sujeito (Crossley, 2007).

Considerando o paradigma construcionista social, na análise narrativa é necessário integrar simultaneamente as narrativas pessoais e as narrativas sociais, no sentido de compreender a vida social e a identidade, atendendo à forma como as pessoas experienciam os fenômenos, os acontecimentos e as situações da sua vida (Esin et al., 2013; Howitt, 2019; Stephens & Breheny, 2013). Por exemplo, alguém que relata uma situação de vitimação pode falar de si enquanto “vítima impotente” ou enquanto “lutadora”, pode falar de si enquanto mulher e enquanto mãe. Ao longo do seu relato, a pessoa vai construindo uma imagem de si, da forma como se vê a si própria (identidade, do que é ser mulher, da maternidade) e, simultaneamente, veicula representações sociais sobre a vitimação.

Na descrição de qualquer experiência ou fenômeno, naturalmente a pessoa conta uma história para explicar essa experiência e, sendo o principal ator, fala de si próprio. Assim, a análise narrativa tem de considerar necessariamente a identidade ou os aspectos identitários. Como refere Howitt (2019), não devemos confundir a “análise narrativa” com a “análise de uma narrativa”. Em síntese, quando falamos de análise narrativa na investigação em Psicologia, referimo-nos a um método de análise que assenta nos princípios e conceitos da Psicologia narrativa.

Como se realiza a análise narrativa? Etapas e procedimentos

Da análise dos estudos qualitativos que recorrem à análise narrativa, verifica-se, igualmente, uma grande variabilidade de propostas para realizar essa análise. É de referir que, no sentido de demonstrar e discutir esta variabilidade, se recorreu à identificação de alguns estudos empíricos mais relevantes entre os 800 identificados na *PsychoInfo*, de forma a clarificar as diferentes formas de conceptualizar e realizar análise narrativa em investigação.

Assim, verifica-se que alguns destes estudos não referem ou não explicitam os procedimentos de análise (e.g. Kangas, 2001; Yuen et al., 2021), outros indicam o modelo ou autor em que se basearam para realizar

a análise (Hajela, 2013; Jägersvi, 2014), tais como a proposta de Riessman (1990, 1993), sem descrever detalhadamente o procedimento.

Por exemplo, Hajela (2013) no seu estudo sobre as narrativas da depressão, refere identificar temas comuns seguindo um processo de decomposição temática, diferenciando na narrativa temas ou histórias coerentes que refletissem a posição das pessoas. Yuen et al. (2021) no seu estudo com vítimas que sobreviveram à violência sexual, refere que o seu processo de análise decorreu em 3 etapas – (i) leitura repetida das transcrições para identificar temas e padrões iniciais; (ii) resumo de cada narrativa individual considerando a estrutura, emoções e os pontos enfatizados na narrativa; e (iii) comparação e contrastação das narrativas entre os participantes, procurando semelhanças e diferenças.

Keedle et al. (2020), num estudo sobre a experiência de planejar um parto natural após a experiência de cesariana, identificam seis etapas na sua análise narrativa (leitura e anotações iniciais das entrevistas; segunda leitura para efetuar anotações e elaborar um cronograma das histórias; escrita de um resumo de cada história; comparação das histórias com o objetivo de identificar temas semelhantes; identificar fatores contextuais; e assinalar o impacto de cada fator para cada participante).

Como podemos constatar, com base nestes exemplos, não existe uniformidade ao nível das etapas e dos procedimentos adotados. Adicionalmente, a descrição detalhada da estratégia analítica é, na maioria dos casos, omissa ou muito vaga. Assim, a ausência de uma descrição clara, consistente e pormenorizada da análise acarreta, por um lado, dificuldades para quem procura utilizar a análise narrativa na investigação qualitativa e, por outro, dificulta a avaliação da qualidade da própria análise (Howitt, 2019). Se o processo de análise dos dados é vago ou omissivo, se não existem critérios para a categorização ou para decidir sobre os temas e as narrativas principais, como é possível perceber se a análise é efetuada ou não de forma correta?

Deste modo, torna-se necessária uma abordagem mais sistemática, rigorosa e transparente da análise narrativa. Neste sentido, têm surgido algumas tentativas de clarificar e uniformizar o processo da análise narrativa (Butina, 2015; Crossley, 2007;

Hiles & Čermák, 2008; Howitt, 2019; Kim, 2015), porém, sem uniformização entre elas. Assim, no presente trabalho pretendemos apresentar uma proposta para o procedimento de análise, assumindo os princípios da Psicologia narrativa e integrando os contributos de diferentes autores de referência.

No sentido de fornecer uma imagem pormenorizada do processo de análise, identificamos dez etapas (cf. imagem 1) que passamos a detalhar.

Definição dos objetivos e questões de investigação

Os objetivos e questões de investigação na análise narrativa têm de remeter para os princípios da Psicologia narrativa, no sentido de fundamentar a opção pela análise narrativa enquanto método qualitativo de análise (Crossley, 2007; Howitt, 2019).

Assim, o objetivo tem de abranger aspectos como:

- Analisar a experiência de..., a visão sobre..., a trajetória de vida e compreender como o sujeito se vai autoapresentando/autoconstruindo/ descrevendo-se a si próprio e aos outros...

- Identificar as narrativas sobre... e a dimensão identitária subjacente...

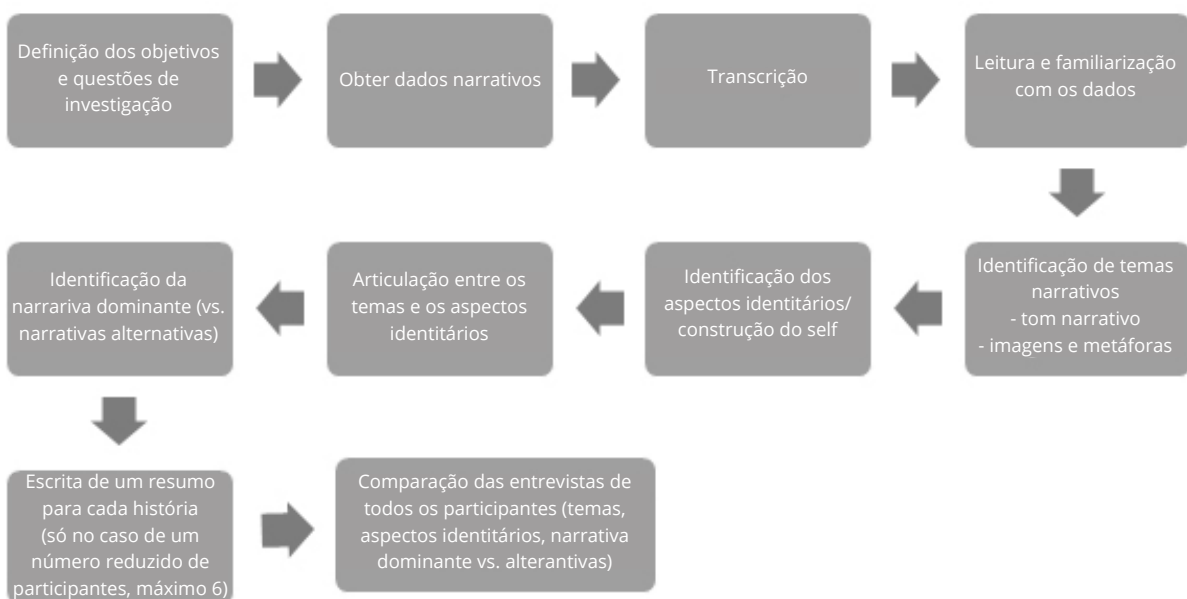
O self, a identidade ou os aspetos identitários têm de ser integrados

Adicionalmente, podem formular-se questões de investigação mais específicas, que orientarão a análise narrativa. Vejamos alguns exemplos:

- Como é que os ... (narradores) se apresentam? Que características recorrentes e variantes estão presentes nas narrativas?

- Que temas narrativos centrais surgem nas respectivas histórias? Que elementos integram e como descrevem esses temas? Como se descrevem a si próprios e aos outros? Como constroem a sua identidade? É possível identificar uma narrativa comum entre os participantes ou há narrativas distintas?

Figura 1. Etapas que constituem o processo da análise narrativa



Fonte: As autoras (2023).

Obter dados narrativos

Antes de mais, há que clarificar o que se entende por dados narrativos. Dados narrativos são relatos sobre fenômenos, acontecimentos, situações em que as pessoas se representam a si próprias e ao seu mundo social (Howitt, 2019), devendo:

- Incluir alguma transformação ao longo do tempo, algum tipo de ação e diferentes personagens (Howitt, 2019).
- Conter informação pessoal, em que o eu é narrado e o sujeito procura ativamente integrar ou explicar de forma coerente a sua experiência (McAdams, 2008).
- Refletir o contexto social ou cultural da pessoa, dado que as narrativas são contadas nas relações sociais e refletem a cultura onde são construídas (McAdams, 2008).

No contexto da investigação, a entrevista é a forma mais adequada de obter dados narrativos, nomeadamente através das entrevistas de história de vida ou entrevista episódica (Howitt, 2019). O investigador deve ter a preocupação de elaborar uma entrevista que permita a produção de narrativas ricas. Questões como “o que é que isso (situação, comportamento, pensamento, emoção) diz sobre si?” podem ser pertinentes para elicitar aspetos identitários.

Transcrição

As entrevistas devem ser gravadas de forma a permitir um maior foco do investigador no relato do participante. Desta forma é possibilitada ao entrevistador a liberdade de se concentrar essencialmente no que o entrevistado está a dizer. Dada a natureza da análise narrativa, a transcrição deve ser do tipo “secretarial” (Howitt, 2019), evitando detalhes desnecessários, o que torna a entrevista de fácil leitura.

Leitura e familiarização com os dados

Após a transcrição das entrevistas, como em muitos métodos qualitativos de análise de dados, a primeira etapa da análise é a leitura atenta da entrevista para familiarizar o investigador com os dados (Crossley, 2007; Howitt, 2019). Claro que, se for o mesmo investigador a recolher os dados e a proceder à transcrição, esta tarefa está mais facilitada.

Nesta etapa o investigador já pode identificar de forma preliminar os temas que surgem nos dados, anotando-os (ou criando categorias num software de análise).

Identificação de temas narrativos – tom narrativo e imagens/metáforas

Esta fase pressupõe voltar à leitura dos dados e rever os temas preliminares, implicando uma reformulação dos temas (Howitt, 2019). Mas o que constituem temas? Um tema é algo importante face aos dados relativamente à nossa questão de investigação, representando um determinado nível ou padrão de resposta. Aqui podemos utilizar critérios idênticos aos da análise temática: (i) a prevalência do tema no relato do participante; (ii) o número de participantes que abordam o tema; e (iii) a especificidade e/ou importância para o estudo (Braun & Clarke, 2006). É importante que o investigador indique o(s) critério(s) adotado(s).

Identificados os temas, deve identificar-se também o tom da narrativa e as imagens/metáforas (Crossley, 2007; Howitt, 2019). Como se identifica o tom narrativo? Através do conteúdo da história, mas, também, da forma como esta é contada. Por exemplo, podemos ter relatos de experiências negativas, mas que terminam com um desfecho ou com uma perspetiva positiva, assumindo um tom otimista. Podemos ter descrições de situações positivas, mas cujo desfecho ou a perspetiva seja negativa e de sofrimento, assumindo um tom pessimista ou sofredor (Howitt, 2019). Assim, há que atender simultaneamente ao conteúdo e à forma do relato (Crossley, 2007; Howitt, 2019).

O que são imagens/metáforas e como se identificam? As imagens são símbolos ou metáforas a que a pessoa recorre para clarificar o relato e que são pessoalmente significativas (Crossley, 2007). Por exemplo, alguém pode usar a imagem da crucificação, de que a vida implica sacrifícios em prol dos outros - e estas metáforas podem revelar algo do seu contexto mais próximo (uma mãe que suportou maus-tratos em prol dos filhos) ou do contexto cultural mais alargado (cultura judaico-cristã).

Para a identificação do tom e das imagens narrativas associadas ao relato, o investigador pode recorrer ao uso de *memos* no software de análise de dados ou manualmente (Howitt, 2019)

Identificação dos aspetos identitários/construção do self

Esta é uma etapa que se considera ser a mais distintiva da análise narrativa, dado que decorre dos princípios da Psicologia narrativa, onde a narrativa é a metáfora para a personalidade e a identidade é construída de narrativas pessoais (Crossley, 2007). Assim, a identificação da construção do self ou da dimensão identitária do sujeito é crucial (Crossley, 2007; Howitt, 2019).

Esta identificação pode ser feita quando o sujeito fala explicitamente sobre si próprio (e.g. *sempre me vi como inferior aos outros, como sendo incapaz – incapaz, sem valor*) mas, também, pode acontecer na descrição de situações ou experiências, em que o self do sujeito está implícito (e.g., *O meu maior arrependimento foi acreditar nas pessoas, se calhar hoje não estaria nesta situação* – em que o sujeito implicitamente se descreve como ingénuo, crédulo ou inocente).

Articulação entre os temas e a dimensão identitária

Identificados os temas e os aspetos identitários, há que analisar de que forma os diferentes selfs ou as diferentes autorrepresentações que o sujeito vai construindo se articulam com os diferentes temas. Por exemplo, no tema “família” o sujeito pode caracterizar-se como afável, empático, sensível e no tema “trabalho” pode descrever-se como frio, ríspido e agressivo. A análise desta articulação permite-nos analisar a complexidade da construção do self em diferentes contextos e/ou com diferentes interlocutores.

Identificação da narrativa dominante (vs. narrativa alternativa)

Esta etapa acarreta um grande esforço analítico por parte do investigador. O investigador deve integrar a articulação dos temas, as imagens, o tom narrativo (Crossley, 2007; Howitt, 2019) e os aspetos identitários numa história ou narrativa coerente. É possível, ainda, que existam narrativas alternativas, aquelas que são menos prevalentes ou evidentes no relato do sujeito.

Por exemplo, num estudo sobre a história de vida de ofensores sexuais (Ferreira, 2020), verificou-se que os crimes sexuais nunca foram abordados nos seus

relatos, todos os temas identificados envolviam experiências e condições adversas/negativas, apresentando-se como vítimas das circunstâncias e das más experiências. Tal permitiu-lhes, ao longo da sua história, justificar uma trajetória criminal que os levou à reclusão, sem nunca abordar o crime sexual, preservando uma imagem pró-social.

Desta articulação identificou-se a narrativa da adversidade e dissociação/negação do crime - *Sempre fui uma pessoa que me sentia inferior na escola porque era pobre e os outros tinham coisas que eu não tinha, éramos uma família grande e eu só lhes queria fazer mal, tinha mesmo necessidade de lhes fazer muito mal...*

Escrita de um resumo para cada história

Pressupõe a identificação da narrativa dominante para cada participante (Crossley, 2007; Howitt, 2019) em articulação com a descrição resumida dos principais temas, o tom narrativo, as imagens narrativas e os aspetos identitários para cada participante. Esta etapa é aplicável quando temos um número reduzido de participantes; consideramos que até seis participante é adequado proceder ao resumo individual de cada história.

No entanto, acima deste número, esta tarefa tonar-se-á demasiado extensa. Assim, deve ser clarificado nos objetivos se se pretende proceder a uma análise individualizada ou ideográfica dos participantes e, assim, estabelecer um número mais reduzido de participantes para que este passo possa ser contemplado.

Comparação transversal de todas as entrevistas

Nesta etapa procede-se à comparação de todos participantes, procurando identificar, numa primeira fase, o que é comum ao nível dos temas (Keedle et al., 2020), tom narrativo, imagens e aspetos identitários. Numa segunda fase, que implica uma vez mais um grande esforço analítico por parte do investigador, procura-se analisar se existe uma narrativa dominante comum. Nesta etapa, além da narrativa dominante, deve procurar-se também a identificação de narrativa(s) alternativa(s) – que podem ser comuns à maioria dos participantes ou específicas de algum participante. Neste caso, há que discutir e procurar explicar as idiosincrasias com base em dada característica /condição específica do sujeito.

Considerações sobre a codificação

Descritas as etapas, é necessário ainda esclarecer alguns aspetos específicos relativos à codificação dos dados (Howitt, 2019):

Dado o *background* teórico da análise narrativa, a codificação deve ser indutiva (baseada nos dados).

Não há regras específicas para dividir o relato em unidades de análise que sigam um tamanho específico – pode ir desde a frase até ao argumento. O mais frequentemente recomendado é o argumento ou ideia (Howitt, 2019).

Não é necessário codificar todo o relato – só o que é pertinente para a investigação.

As categorias não são mutuamente exclusivas.

A categorização deve ser feita na “vertical” – entrevista a entrevista .

Avaliação da análise narrativa e estratégias de validação

Considerando o *background* teórico da Psicologia narrativa, a avaliação da análise narrativa implica analisar a presença dos princípios da Psicologia narrativa na análise; especificamente, aferir se a análise está orientada para a compreensão dos fenómenos, experiências, acontecimentos ou situações de uma forma rica e completa, incluindo as questões identitárias e do self (Howitt, 2019).

Como referimos, só recentemente têm surgido tentativas de descrever e clarificar o processo de análise narrativa e, ainda assim, apresentam alguma variabilidade nas suas propostas.

Assim, à luz da proposta do presente trabalho, pretendemos sugerir algumas estratégias para garantir a qualidade da análise narrativa. Em primeiro lugar, é da maior pertinência descrever detalhadamente todos os procedimentos, de forma a tornar o processo transparente (Howitt, 2019). Devem ser apresentados excertos exemplificativos de todas as categorias que constituem os elementos da análise – temas, tom narrativo, imagens/metáforas, aspetos identitários - incluindo excertos que clarifiquem as narrativas identificadas. É de destacar, mais uma vez, que a componente identitária tem que estar presente.

Em termos de estratégias de validação, a revisão dos resultados pelos participantes ou *member checks* (Birt et al., 2016) pode ser a mais adequada. Isto implica a devolução dos resultados da análise narrativa aos participantes, no sentido de aferir se estes se identificam ou concordam com os resultados. Deste modo, pretende-se verificar se os resultados e as conclusões da análise traduzem as experiências e percepção dos próprios participantes. Nesta fase é possível efetuar ajustes em função do *feedback* obtido. O recurso à revisão por pares ou o recurso a um co-codificador pode, também, ser uma estratégia a utilizar (Howitt, 2019).

Como ponto de partida para atingir um padrão de excelência, parece-nos útil começar a estabelecer alguns critérios chave para aferir a qualidade da análise. Neste sentido, propomos algumas questões orientadoras:

São indicados os princípios subjacente à análise narrativa?

O fenómeno que se propõem estudar está articulado de forma coerente com os princípios da análise narrativa?

Os objetivos estão formulados de acordo com a Psicologia e a análise narrativa?

São utilizados e descritos detalhadamente os procedimentos de análise recomendados para a análise narrativa?

O estudo expressa a experiência e a construção do self dos participantes?

O estudo identifica e explica, de forma coerente, as narrativas e todos os elementos que a integram (temas, imagens, tom narrativo, self/aspetos identitários)?

Recorre-se a alguma estratégia de validação ou a medida para garantir a qualidade e transparência da análise?

Considerações finais

A análise narrativa é uma abordagem menos padronizada, quando comparada com outros métodos de análise (Howitt, 2019), havendo grande

variabilidade na forma como é conduzida (Howitt, 2019; Squire et al., 2014). Neste trabalho, defendemos a necessidade de, na área da Psicologia, assumir um campo meta-teórico comum – a Psicologia narrativa - e adotar procedimentos comuns que assemem nos princípios narrativos.

Foi nosso objetivo conseguir fundamentar a pertinência da análise narrativa na investigação qualitativa em Psicologia e clarificar aspectos relativos à sua realização.

A adoção de estratégias de validação dos resultados e, principalmente, a descrição detalhada dos procedimentos de análise podem contribuir para um aperfeiçoamento contínuo e crescente solidez da análise narrativa.

Contribuições das autoras

Conde, R. foi responsável pela descrição das etapas e procedimentos da análise narrativa, pelas questões relacionadas ao procedimento de codificação e estratégias de validação. Souto, T. contribuiu com a introdução, conceptualização e questões de terminologia. Ambas as autoras trabalharam na formatação, nas considerações finais e na revisão do artigo.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [DOAJ](#), [EBSCO](#) e [LILACS](#).



Referências

- American Psychological Association (APA). (2021). *5 Quantitative and qualitative methods* [Métodos quantitativos e qualitativos]. https://www.apadivisions.org/division-5/index?_ga=2.18933179.2065470823.1635342566-805907167.1635342566
- Bell, S.E. (1999). Narratives and lives: Women's health politics and the diagnosis of cancer for DES daughters [Narrativas e vivências: Políticas de saúde da mulher e o diagnóstico de câncer para filhas com DES]. *Narrative Inquiry*, 9(2), 347-389. <https://doi.org/10.1075/ni.9.2.08bel>
- Birt, L., Scott, S., Cavers, D., Campbell, C., & Walter, F. (2016). Member checking: A tool for enhance trustworthiness or merely a nod to validation [Verificação dos participantes: Uma ferramenta para aumentar a confiabilidade ou apenas um aceno à validação?]. *Qualitative Health Research*, 26(13), 1802-1811. <https://doi.org/10.1177%2F1049732316654870>
- Bjereld, Y. (2018). The challenging process of disclosing bullying victimization: A grounded theory study from the victim's point of view [O processo desafiador de revelar a vitimização por bullying: Um estudo com teoria fundamentada do ponto de vista da vítima]. *Journal of Health Psychology*, 23(8), 1110-1118. <https://doi.org/10.1177/1359105316644973>
- Butina, M. (2015). A narrative approach to qualitative inquiry [Uma abordagem narrativa para a investigação qualitativa]. *Clinical Laboratory Science*, 28(3), 190-196. <https://doi.org/10.29074/ascls.28.3.190>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology [Usando análise temática em Psicologia]. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp0630a>
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic Analysis [Análise temática]. In P. Liamputtong (Ed.). *Handbook of research methods in Health Social Sciences* [Manual de métodos de investigação em Ciências Sociais e da Saúde] (pp. 843-860). Springer.
- Bruner, J. (1990). *Acts of meaning* [Atos de significado]. Harvard University Press.
- Camic, P. M. (2021). Qualitative research in Psychology: Expanding perspectives in methodology and design [Investigação qualitativa em Psicologia: Ampliando perspectivas na metodologia e design] (2ª ed.). American Psychological Association.

- Christensen, L. S. (2018). The new portrayal of female child sexual offenders in the print media: A qualitative content analysis [A nova representação de mulheres agressoras sexuais de crianças na mídia impressa: Uma análise qualitativa de conteúdo]. *Sexuality & Culture*, 22, 176–189. <https://doi.org/10.1007/s12119-017-9459-1>
- Crossley, M. L. (2007). Narrative analysis [Análise narrativa]. In E. Lyons, & A. Coyle (Eds.). *Analysing qualitative data in psychology* [Análise qualitativa de dados em psicologia] (pp.131-144). Sage.
- Davies, B., & Harré, R. (1990). Positioning: The discursive production of selves [Posicionamento: A produção discursiva de si]. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 20(1), 43-63. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.1990.tb00174.x>
- Esin, C., Fathi, M., & Squire, C. (2013). Narrative analysis: The constructionist approach [Análise narrativa: A abordagem construcionista]. In U. Lick (Ed.). *The Sage handbook of qualitative data analyses* [O Manual Sage de análise qualitativa de dados] (pp. 202-206). Sage
- Ferreira, A. (2020). *Trajatórias de vida e reclusão: Estudo qualitativo com agressores sexuais*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto da Universidade Lusófona do Porto]. Repositório Científico Lusófona. <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/11912>
- Gergen, K. J., & Gergen, M. (1983). Narratives of the self [Narrativas do eu]. In T.R Sarbin, & K. Scheibe (Eds.). *Studies in social identity* [Estudos na identidade social] (pp. 44-74). Praeger.
- Gergen, K. J., & Gergen, M. M. (1986). Narrative form and the construction of psychological science [A forma narrativa e a construção da ciência psicológica]. In T.R Sarbin (Ed.), *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* [Psicologia narrativa: A natureza narrada da conduta humana] (pp.22-44). Praeger.
- Hajela, S. (2013). The monster within: Understanding the narratives of depression [O monstro interior: Compreendendo as narrativas da depressão]. *Psychology Studies*, 58(1), 10-19. <https://doi.org/10.1007/s12646-012-0164-8>
- Hiles, D., & Čermák, I. (2008). Narrative psychology [Psicologia narrativa]. In C. Willig, & W. Stainton-Rogers (Eds.). *The SAGE handbook of qualitative research in psychology* [Manual da SAGE de investigação qualitativa em Psicologia] (pp. 147-164). Sage
- Howitt, D. (2019). *Introduction to qualitative research methods in psychology: Putting theory in to practice* [Introdução aos métodos de investigação qualitativa em Psicologia: Colocando a teoria na prática] (4ª ed). Pearson.
- Jägervi, L. (2014) Who wants to be an ideal victim? A narrative analysis of crime victims' self-presentation [Quem quer ser uma vítima ideal? Uma análise narrativa da auto-apresentação de vítimas de crimes]. *Journal of Scandinavian Studies in Criminology and Crime Prevention*, 15(1), 73-88. <https://doi.org/10.1080/14043858.2014.893479>
- Kangas, I. (2001). Making sense of depression: Perceptions of melancholia in lay narratives [Dar sentido à depressão: Percepções da melancolia nas narrativas leigas]. *Health: An Interdisciplinary Journal for the Social Study of Health, Illness and Medicine*, 5(1), 76–92. <https://doi.org/10.1177/136345930100500104>
- Keedle, H., Peters, L., Schmied, V., Burns, E., & Dahlen, H.G. (2020). A narrative analysis of women's experiences of planning a vaginal birth after caesarean (VBAC) in Australia using critical feminist theory [Uma análise narrativa das experiências das mulheres sobre o planeamento de um parto vaginal após cesariana (PVAC) na Austrália usando a teoria feminista crítica]. *BMC Pregnancy Childbirth*, 19(42), 2-15. <https://doi.org/10.1186/s12884-019-2297-4>
- Kenny, M., & Fourie, R. (2014). Tracing the history of grounded theory methodology: From formation to fragmentation [Traçando a história da metodologia da teoria fundamentada: Da formação à fragmentação]. *The Qualitative Report*, 19(52), 1-9. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2014.1416>
- Kim, J. H. (2015). *Understanding narrative inquiry* [Compreendendo a investigação narrativa]. Sage.
- Ljungvall, H., Rhodin, A., Wagner, S., Zetterberg, H., & Asenlof, P. (2020). "My life is under control with these medications": An interpretative phenomenological analysis of managing chronic pain with opioids ["A minha vida está sob o controlo com esses medicamentos": Uma análise fenomenológica interpretativa da gestão da dor crônica com opioides]. *BMC Musculoskelet Disord*, 21, 61. <https://doi.org/10.1186/s12891-020-3055-5>.
- McAdams, D. P. (2008). Personal narratives and the life story [Narrativas pessoais e a história de vida]. In O. John, R. Robins, & L.A. Pervin (Eds). *Handbook of personality: Theory and research* [Manual da personalidade: Teoria e investigação] (pp. 241-261). Guilford Press.

- Murray, M. (2000). Levels of narrative analysis in health psychology [Níveis de análise narrativa em Psicologia da Saúde]. *Journal of Health Psychology*, 5(3), 337–347. <https://doi.org/10.1177/135910530000500305>
- Murray, M. (2003). Narrative psychology and narrative analysis [Psicologia narrativa e análise narrativa]. In P. M. Camic, J. E. Rhodes, & L. Yardley (Eds.). *Qualitative research in psychology: Expanding perspectives in methodology and design* [Investigação qualitativa em Psicologia: Ampliando perspectivas na metodologia e design] (pp. 95-112). American Psychological Association.
- Ntinda, K. (2019). Narrative research [Investigação narrativa]. In P. Liamputtong (Ed.). *Handbook of research methods in Health Social Sciences* [Manual de métodos de investigação em Ciências Sociais e da Saúde] (pp. 411-423). Springer.
- Pan, J., Liu, B. & Kreps, G. L. (2018). A content analysis of depression-related discourses on *Sina Weibo*: Attribution, efficacy, and information sources [Uma análise de conteúdo dos discursos relativos à depressão na rede social Sina Weibo: Atribuição, eficácia e fontes de informação]. *BMC Public Health*, 18, 772, 2-10. <https://doi.org/10.1186/s12889-018-5701-5>
- Prasad, D. B. (2019). Qualitative content analysis: Why is it still a path less taken [Análise de conteúdo qualitativa: Porque é ainda uma opção menos escolhida]? *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 20(3). <http://dx.doi.org/10.17169/fqs-20.3.3392>
- Riessman, C. K. (1990). Strategic uses of narrative in the presentation of self and illness: A research note [Usos estratégicos da narrativa na apresentação do eu e da doença: Uma nota da investigação]. *Social Science and Medicine*, 30(11), 1195–1200. [https://doi.org/10.1016/0277-9536\(90\)90259-U](https://doi.org/10.1016/0277-9536(90)90259-U)
- Riessman, C. K. (1993). Narrative analysis [Análise narrativa]. *Qualitative research methods series 30*. Sage
- Sarbin, T. R. (1986). The narrative as a root metaphor for psychology [A narrativa como metáfora central para a psicologia]. In T.R. Sarbin (Ed.). *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* [Psicologia narrativa: A natureza narrada da conduta humana] (pp.3-21). Praeger.
- Smith, B. (2021). Narrative analysis [Análise narrativa]. In E. Lyons & A. Coyle (Eds.). *Analysing qualitative data in psychology* [Analisando dados qualitativos em Psicologia] (pp. 235-252). Sage.
- Smith, J. A., & Osborn, M. (2007) Pain as an assault on the self: An interpretative phenomenological analysis of the psychological impact of chronic benign low back pain [A dor como agressão ao eu: Uma análise fenomenológica interpretativa do impacto psicológico da dor lombar crônica benigna]. *Psychology & Health*, 22(5), 517-534. <https://doi.org/10.1080/14768320600941756>
- Squire, C., Davis, M., Esin, C., Andrews, M., Harrison, B., Hyden, L. C., & Hyden, M. (2014). *What is narrative research* [O que é investigação narrativa]? Bloomsbury.
- Stephens, C., & Breheny, M. (2013) Narrative analysis in psychological research: An integrated approach to interpreting stories [Análise narrativa na investigação psicológica: Uma abordagem integrada na interpretação de histórias]. *Qualitative Research in Psychology*, 10(1), 14-27. <http://dx.doi.org/10.1080/14780887.2011.586103>
- Watson, C. (2012) Analysing narratives: The narrative construction of identity [Analisando narrativas: A construção narrativa da identidade]. In S. Delamont (Ed.). *Handbook of qualitative educational research* [Manual de investigação qualitativa em Educação] (pp. 460-472). Edward Elgar Publishing.
- Willig, C. (2019). What can qualitative psychology contribute to psychological knowledge [O que pode a psicologia qualitativa contribuir para o conhecimento psicológico]? *Psychological methods*, 24(6), 796–804. <https://doi.org/10.1037/met0000218>
- Weick, K. E., Sutcliffe, K. M., & Obstfeld, D. (2005). Organizing and the process of sensemaking [Organização e o processo de criar significado]. *Organization Science*, 16(4), 427-551. <https://doi.org/10.1287/orsc.1050.0133>
- Wójcik, M., Rzeńca, K. (2021). Disclosing or hiding bullying victimization: A grounded theory study from former victims' point of view [Revelando ou ocultando a vitimização por bullying: Um estudo com a teoria fundamentada sobre o ponto de vista das ex-vítimas]. *School Mental Health*, 13(4), 808–818. <https://doi.org/10.1007/s12310-021-09447-5>
- Yuen, B., Billings, J., & Morant, N. (2021). Talking to others about sexual assault: A narrative analysis of survivors' journeys [Conversando com os outros sobre a agressão sexual: Uma análise narrativa das trajetórias das sobreviventes]. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(17-18), 9714-9737. <https://doi.org/10.1177/0886260519861652>